



Paisagens Fortificadas e Monumentalizadas da “Beira-Douro” (III ao I milénio a.C.)

Arquitecturas, Cenários e Simbologias

Alexandre Canha | CEAACP/FCT/UCoimbra

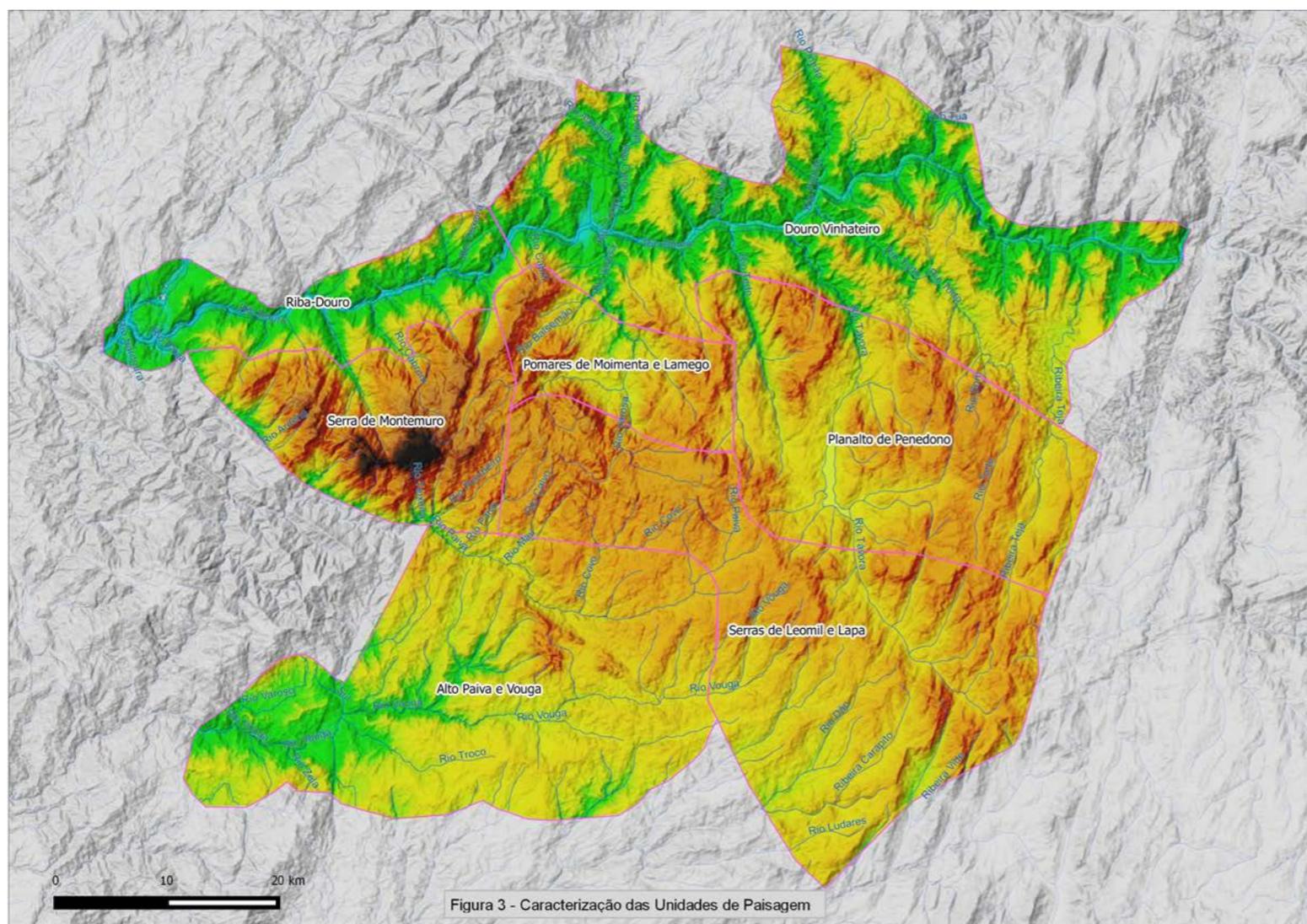


Fig. 2 – Representação das Unidades que Paisagem que compõe a Área de Projecto

Definiu-se uma área nuclear com alguma homogeneidade geomorfológica e orográfica e que corresponde às Unidades de Paisagem Serra de Montemuro, Serras do Leomil de Lapa e Planalto de Penedono. Para além desta área nuclear considerou-se fundamental a existência de zonas paisagística e morfologicamente distintas com a função de zonas controlo de forma a abranger e ampliar a maior amostragem possível de assentamentos fortificados e tipologias de estruturas defensivas e/ou monumentalizadas para se poder mais eficazmente contrastar os resultados. Para tal adoptaram-se Unidades adjacentes nomeadamente: Riba-Douro, Douro Vinhateiro, Pomares de Moimenta e Lamego e Alto Paiva e

Vouga (Figura 2). De uma forma genérica as Unidades de Paisagem seleccionadas dividem-se em dois grandes grupos um correspondente à parte norte Beira Alta (onde se inserem Serra de Montemuro, Serras do Leomil de Lapa, Planalto de Penedono, Pomares de Moimenta e Lamego e Alto Paiva e Vouga) e o outro grupo o do Douro (Riba-Douro e Douro Vinhateiro). Desta forma, e por uma questão de simplificação terminológica, optou-se por designar a área de projecto como “Beira-Douro”, ainda que esta não exista enquanto Unidade de Paisagem uniforme e coerente.

Estado da questão

Na “Beira-Douro” as diversas fontes de informação revelam a existência de pouco mais de uma centena de povoados fortificados, contudo, em apenas metade deles, é descrita a presença de sistemas defensivos, ainda assim em muitos desses casos não é claro o tipo de estruturas ou o seu número. A ausência de uma inventariação, realocização e estudo sistemático dos povoados fortificados, alguns deles em risco de desaparecimento foi um dos factores que impeliu o projecto. Com efeito, apesar do estudo das fortificações Pré e Proto-históricas de há muito despertar o interesse de eruditos desde as primeiras visões da historiografia ilustrada, até à cientificidade do século XX, a atenção centrou-se, sobretudo no caso do 1º milénio a.C., geralmente em estudos de arquitectura e urbanismo, muitas vezes seguindo demasiado literalmente as fontes clássicas. Neste contexto, os Sistemas Defensivos eram entendidos como mais um componente do estudo do proto-urbanismo, geralmente prevalecendo priorado da forma sobre a função. Já no século XXI o estudo dos Sistemas Defensivos autonomiza-se sob o impulso de um projeto peninsular de grande fôlego conduzido por L. Berrocal-Rangel, a partir do qual nasce uma nova visão sobre os sistemas defensivos.

Objectivos

Pretende-se estudar os Sistemas Defensivos enquanto elementos funcionais e marcadores territoriais, definindo-se para isso dois grupos de objetivos distintos. Um dedicado à poliorcética com ênfase nas vertentes arquitectónica/construtiva/funcional e simbólica das estruturas defensivas. O segundo prende-se com a interpretação das estruturas defensivas enquanto marcadores de paisagem e territorialização. Os objectivos podem genericamente sistematizar-se da seguinte forma:

Poliorcética e sistemas defensivos em geral

1. Inventariação e registo dos povoados do 3º ao 1º milénio a.C. com estruturas defensivas e monumentalizadas;
2. Caracterização formal e funcional dos elementos defensivos de cada povoado;
3. Análise da variabilidade arquitectónico-construtiva dos sistemas defensivos;
4. Compreender o processo de amuralhamento e evolução das estratégias defensivas;
5. Estudo das afinidades poliorcéticas com regiões vizinhas.

Abordagem e plano de pesquisa

O projecto consiste no inventário, relocalização e levantamento de todos os sítios cuja bibliografia referencia a presença de estruturas defensivas sejam elas complementares (p. ex. fossos) ou estruturas amuralhadas (Figuras 3 a 5). Esta avaliação visa analisar a funcionalidade e eficácia dos elementos defensivos, mas também o simbolismo destes, enquanto elementos de uma paisagem de poder. Neste sentido optou-se por um estudo abrangente numa perspectiva de ampla diacronia entre o 3º e o 1º milénio a.C., pois desta forma é possível compreender a evolução do processo de amuralhamento desde a sua génese até ao apogeu nos finais do 1º milénio a.C.

Além da utilização de metodologias tradicionais, o projecto recorre a outras, que em anos recentes, têm vindo a revelar resultados bastante interessantes como é o caso da detecção remota. No caso do LiDAR esta tecnologia tem vindo fornecer em Espanha dados muito interessantes e de grande relevo no que se refere à identificação e caracterização estruturas defensivas ocultas pela vegetação. Em Portugal a ausência de um levantamento LiDAR de todo o território nacional não permite esta abordagem. Desta forma aplicam-se outras metodologias como o levantamento aéreo com UAV, que possibilita, entre outros a restituição fotogramétrica, modelação tridimensional de sítios (Figura 6) e aplicação de filtros de cor (Figura 7).

Território e paisagem

1. Estudo do território, partindo da análise dos factores determinantes de implantação dos sítios sistematizando/hierarquizando critérios que presidiram à eleição de um local para assentamento/defesa (Estratégicos, Naturais, Económicos, Simbólicos);
2. Compreender as relações de assentamento e movimento e a forma como esta “paisagem de acessos” condiciona as estratégias de implantação e abandono de um espaço num determinado território;
3. Análise do papel das estruturas fortificadas no processo de territorialização do espaço enquanto elementos construtivos, funcionais e marcadores da paisagem;
4. Inferir padrões de assentamento ou tendências de ocupação do território.



Fig. 3 (à esquerda, em cima) – Fosso monumental do povoado de Paço de Vilharigues (Vouzela). Do lado direito escarpa, à esquerda contra-escarpa. 1º milénio a.C. (Idade do Ferro/Romano).

Fig. 4 (à esquerda, em baixo) – Troço de muralha em muito bem conservado no povoado da Idade do Ferro/Romano de S. Domingos de Fontelo (Armamar). 1º milénio a.C. (Idade do Bronze Final / Idade do Ferro/Romano).

Fig. 5 (à direita, em cima) – Muralha do castro de Vilarelho, Favaios, Alijó. 1º milénio a.C. (Idade do Ferro).

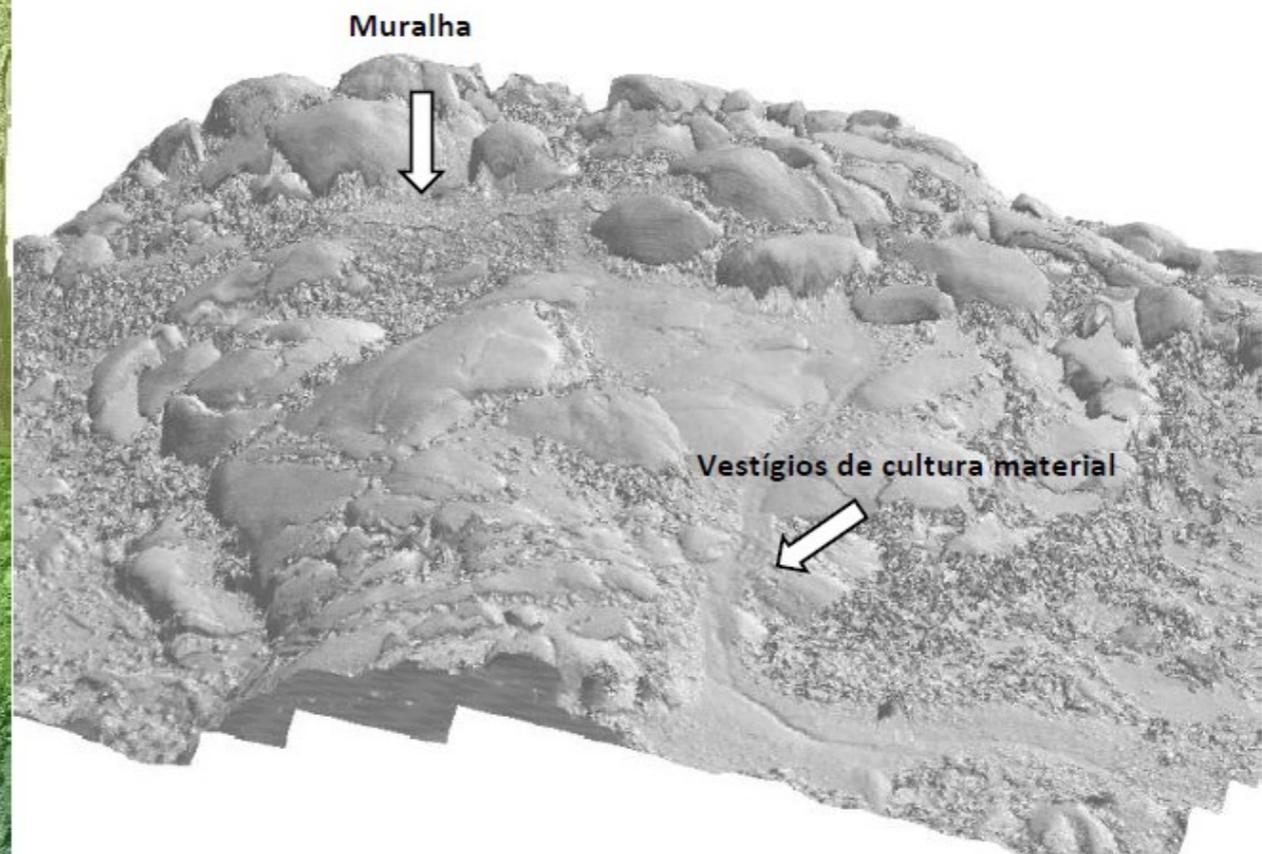


Fig. 6 – Castelo de Ariz (Moimenta da Beira). À esquerda Terrain Map View, à direita Hillshade em 3D, produzidos a partir de DEM obtida por levantamento com UAV. 3º milénio a.C. (Calcolítico).

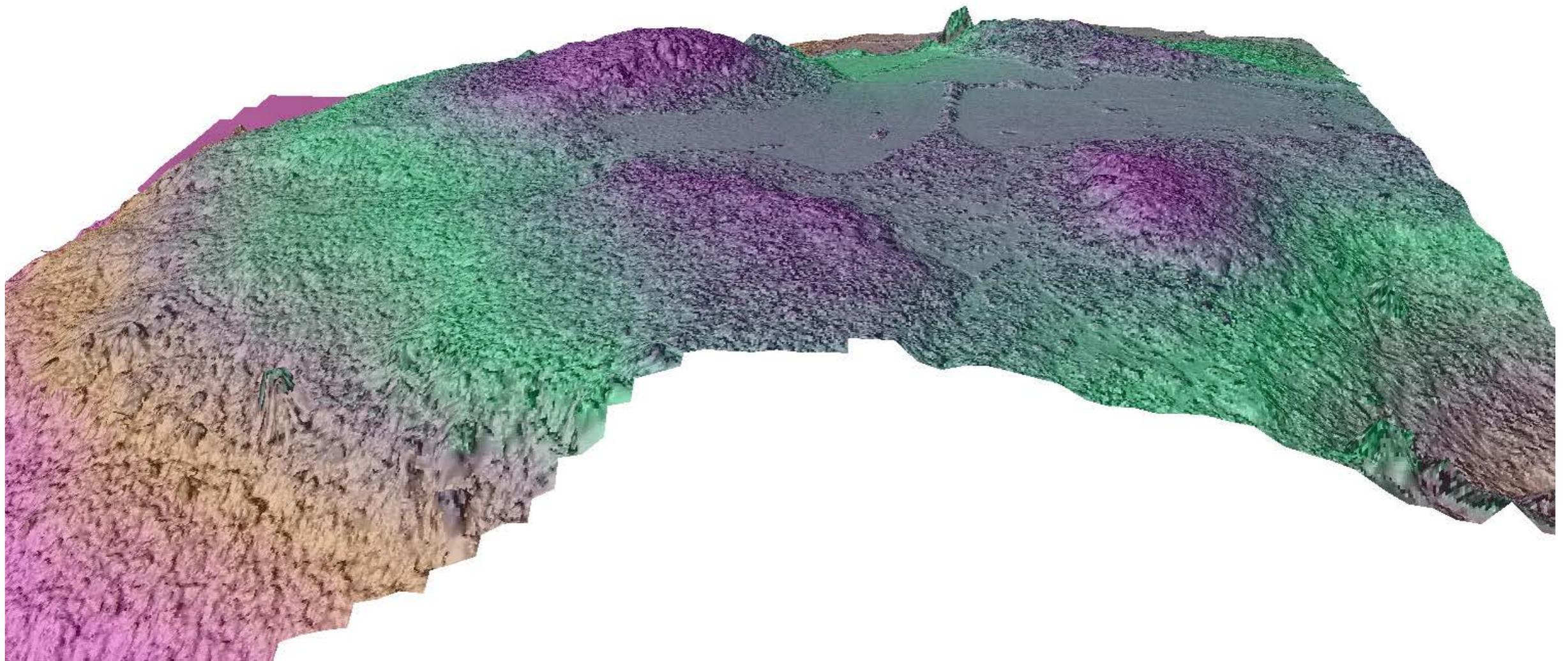


Fig. 7 – Chã de Murganho (São João da Pesqueira). Terrain Map View 3D (histograma de 5 cores). 3º milénio a.C. / 2º milénio a.C.(?) Calcolítico / Idade do Bronze (?).

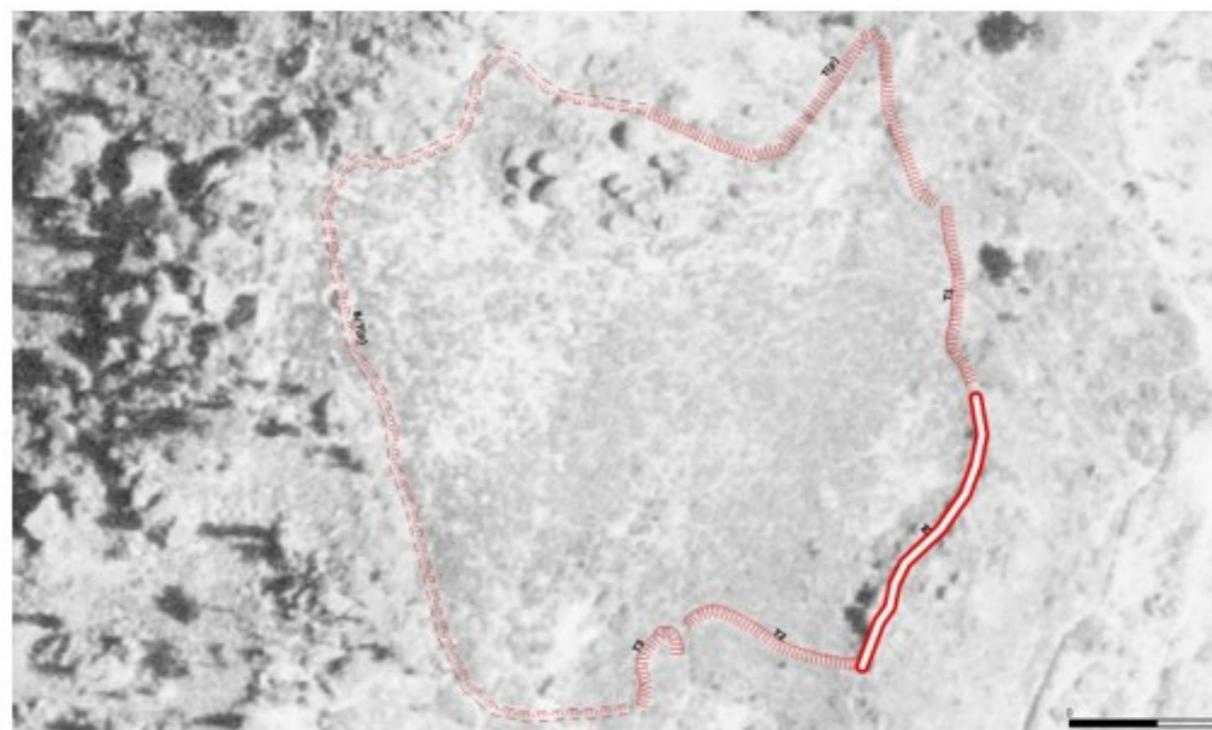
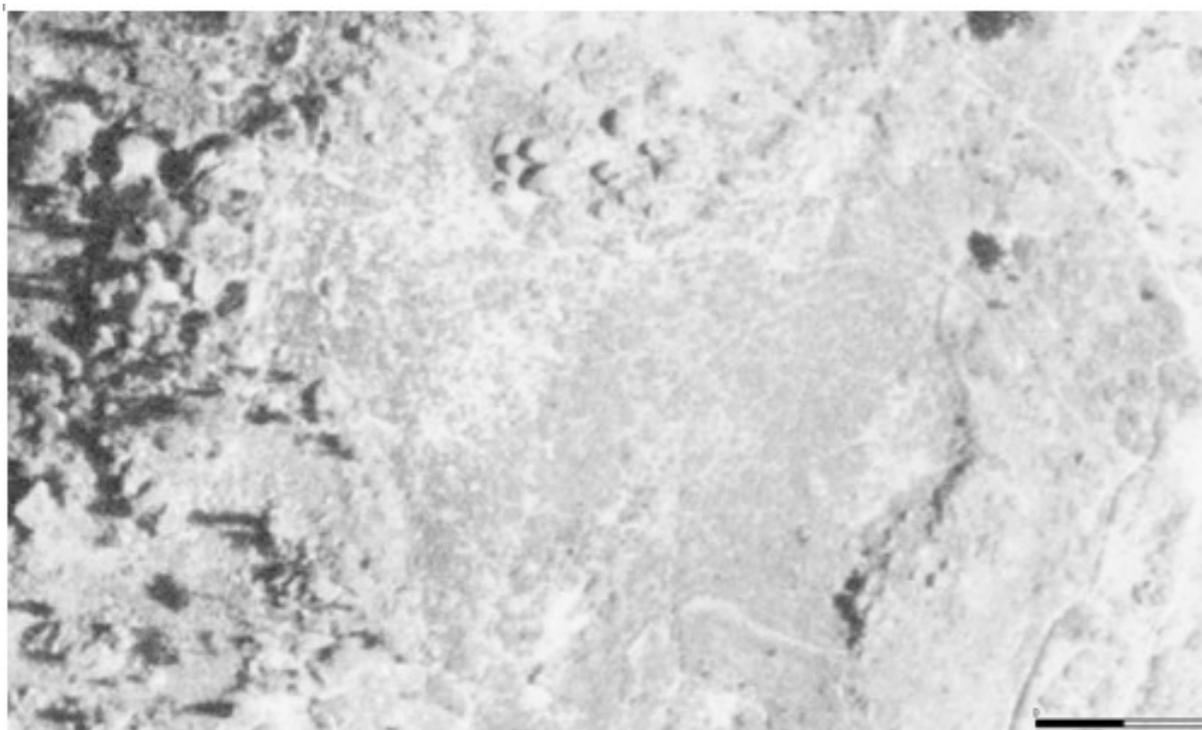


Fig. 8 – Povoado de Monte Airoso (Penedono). Esquerda fotografia aérea histórica (voo SPLAL) do ano de 1945, escala aproximada 1:16.000, disponibilizada pelo CIGeoE. À direita fotointerpretação das estruturas defensivas. 1º milénio a. C.

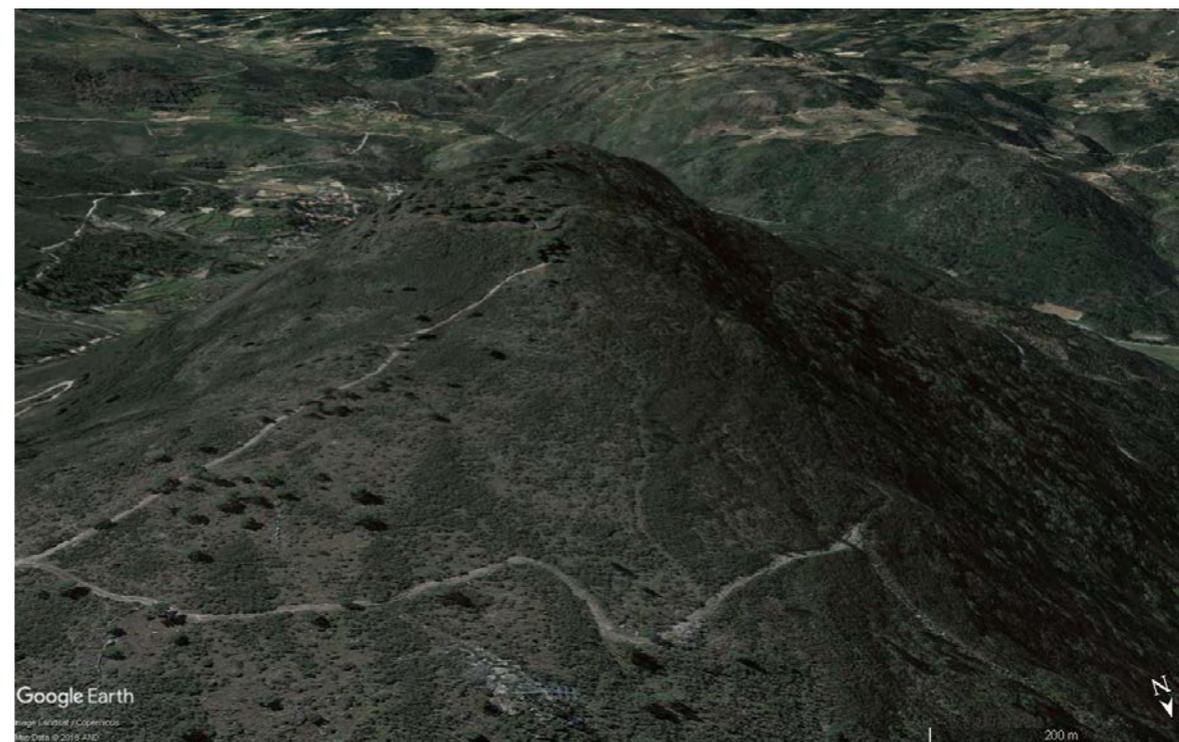


Fig. 9 (a; b) – Citânia da Longa (Tabuaço). Esquerda restituição fotogramétrica (fotografia aérea histórica (voo SPLAL) do ano de 1945, escala aproximada 1:1.600 e voo USAF 1958 escala aproximada 1:30.000 disponibilizada pelo CIGeoE) sobre GoogleEarth. À direita vista da mesma área a partir do GoogleEarth. 1º milénio a.C. (Idade do Bronze Final).

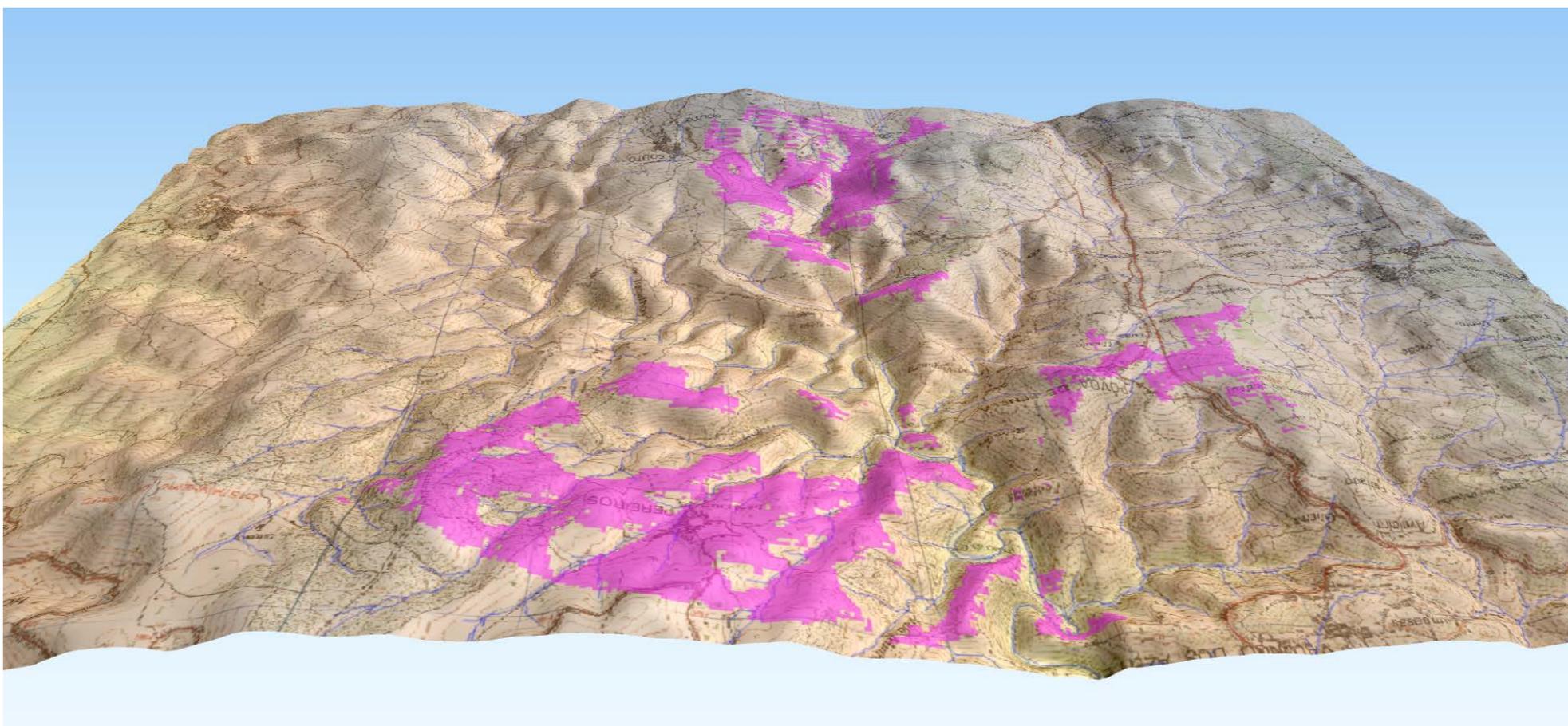


Fig. 10 – Bacia visual de 5km do povoado de Castelo Velho do Souto (Penedono). 3º milénio a.C. (Calcolítico).

Uma metodologia que se tem vindo a revelar de extremo interesse e utilidade, é o recurso a fotografias aéreas históricas sobretudo das décadas de 40 e 50 pois então quase todo o país era agricultado (apenas posteriormente se iniciaram as campanhas de florestação), pelo que, em muito casos as estruturas defensivas eram visíveis. Estas fotos são de grande interesse pois permitem complementar a observação feita em campo, possibilitando, por exemplo, a realização fotointerpretação (Figura 8), ou mesmo a realização de modelação tridimensional. Trata-se de uma ferramenta “low-cost” com um potencial significativo quando perante paisagens que acualmente apresentam um coberto vegetal que condiciona a observação de estruturas defensivas (Figura 9a e 9b).

Também o recurso a ferramentas SIG é fundamental para o projecto, seja através de metodologias cujo intuito é o de estabelecer relações entre território, paisagem e povoamento (Figura 10). Seja no estudo da mobilidade no território determinando momentos e locais críticos de movimento, recorrendo-se para tal à utilização da metodologia MADDO (Modelo de Acumulación de Desplazamiento Óptimo) que se baseia numa relação de Distância-Custo e que se traduz numa optimização de caminhos (Figuras 11 e 12). Com a aplicação deste método, expectavelmente será possível estabelecer relações de articulação entre zonas críticas de movimento, os povoados fortificados e o domínio visual do território, bem como compreender os processos de territorialização, abandono e re-territorialização.

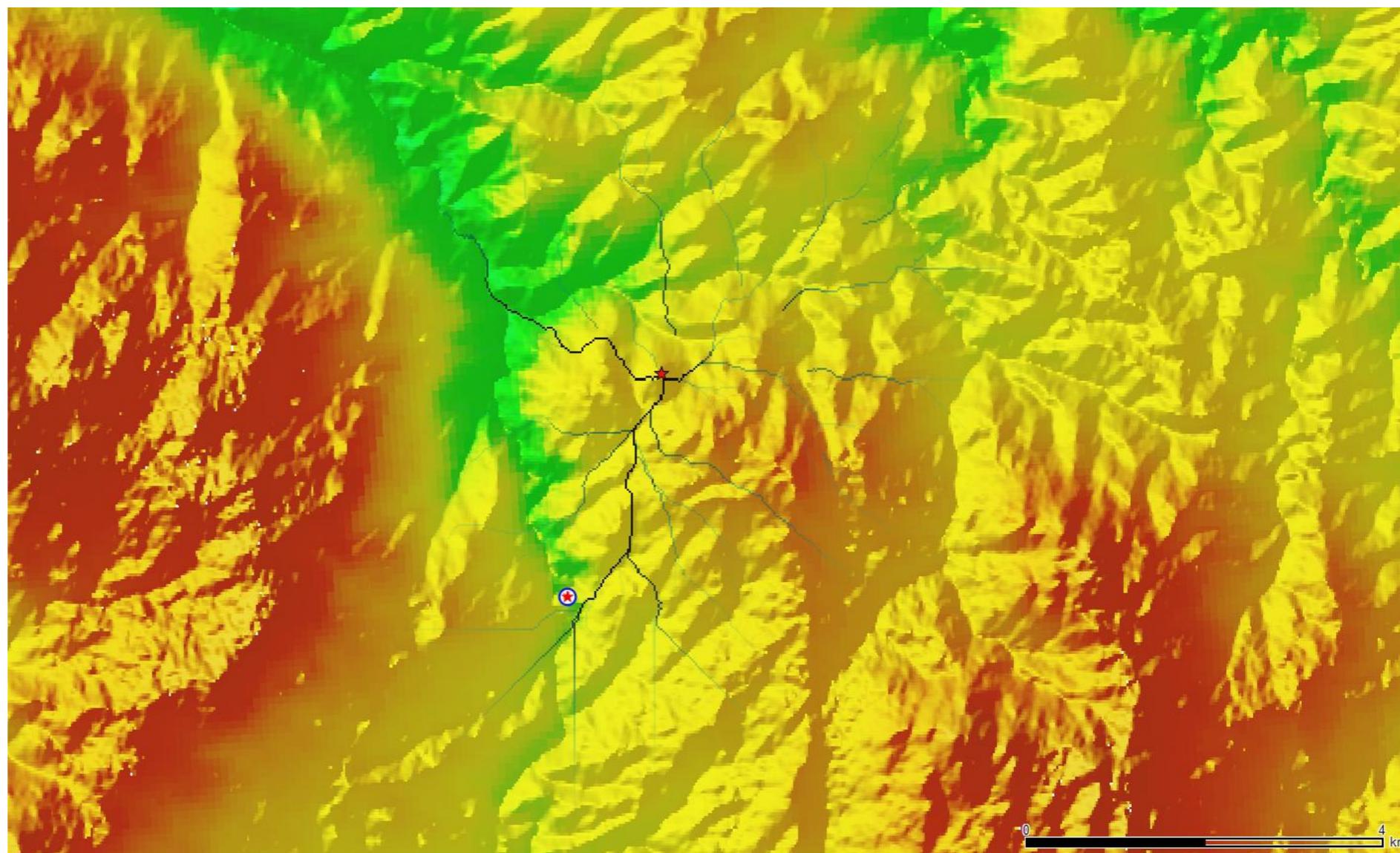
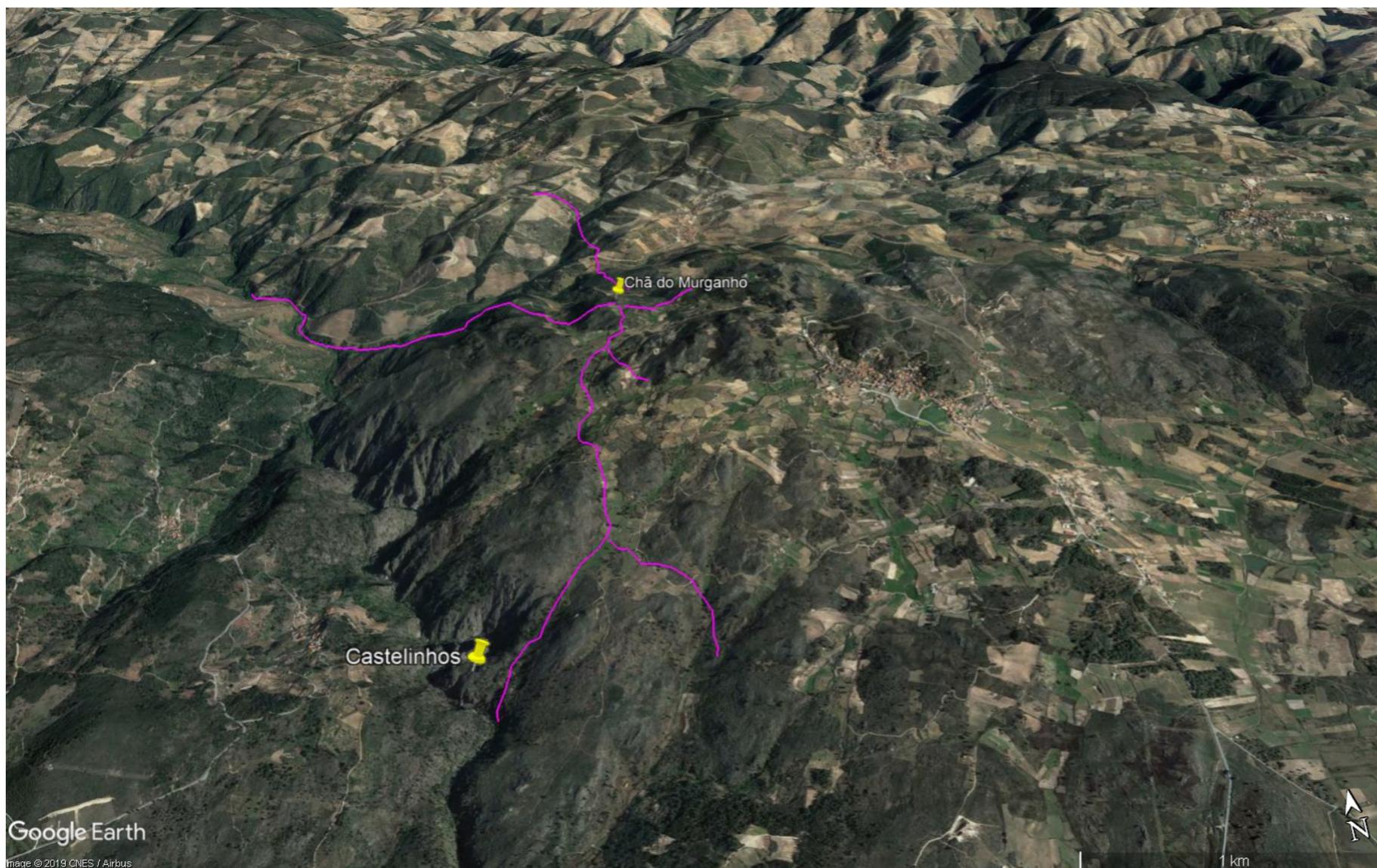


Fig. 11 – Análise de MADO a partir do povoado de Chã de Murganho (São João da Pesqueira) e a sua relação com o vizinho povoado de Castelinhos (São João da Pesqueira). 3º milénio a.C. / 2º milénio a.C.(?) Calcolítico / Idade do Bronze (?).



No final do projecto, espera-se que este resulte numa caracterização dos sistemas defensivos e a definição de padrões de assentamento, ou pelo menos, tendências de ocupação do território da Beira-Douro, numa ampla diacronia entre o 3º e o final 1º milénio a.C.

Fig. 12 – Análise de MADO de Chã de Murganho (São João da Pesqueira) e a sua relação com o vizinho povoado de Castelinhos (São João da Pesqueira) sobre GoogleEarth. 3º milénio a.C. / 2º milénio a.C.(?) Calcolítico / Idade do Bronze (?).



Anastasia Ax & Lars Siltberg. EXILE. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015. (Foto de Joana Alves-Ferreira).